



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A trajetória arqueológica de Michel Foucault: uma crítica à epistemologia

Por Daniel Salesio Vandresen¹ (daniel.vandresen@ifpr.edu.br)

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar a constituição da fase arqueológica do pensamento de Michel Foucault como um deslocamento em relação a análise epistemológica. O método arqueológico se apresenta como uma nova abordagem de investigação dos saberes sobre o homem na modernidade. Enquanto a ciência analisa o homem pelo princípio racionalista e modelo do progresso, a arqueologia produz uma descontinuidade no discurso científico, situando seu saber em condições de possibilidade. Deste modo, nesta pesquisa procura-se mostrar como a visão foucaultiana é profundamente marcada pela interpretação histórica da epistemologia francesa (Gaston Bachelard e Georges Canguilhem) e pela crítica nietzschiana da ciência. Enfim, descrevem-se algumas obras da trajetória arqueológica da década de 1960 para evidenciar a leitura histórica do discurso científico produzida por Foucault.

Palavras-chave: Filosofia, Ciência, Arqueologia, Verdade.

Resumo:

La objekto de ĉi papero estas prezenti starigon de la arkeologia fazo de Michel Foucault kiel movo de la epistemologia analizo. La arkeologia metodo estas prezentita kiel nova esploro enfokosigas de scio pri homo en moderneco. Dum

1. É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR e graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque. Leciona Filosofia nos cursos Técnicos de Informática, Eletromecânica e Orientação Comunitária do Instituto Federal do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand, é Coordenador do curso Técnico em Orientação Comunitária e Coordenador Financeiro do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

scienco rigardas homon per raciisma principokaj modelo de progreso, arkeologio produktas malkontue en scienca diskurso, lokantas siajn konojn em kondiĉoj de eblo. Tiel, tio esplorado celas montri kiel Foucault vizio profunde markita por la historia signifo de franca epistemologio (Gaston Bachelard kaj Georges Canguilhem) kaj la nietzscheana kritiko de scienco. Fine, ni priskribas iujn verkojn de la arkeologia historio de la 1.960 jaro por reliefigi la historian legado de scienca diskurso produktita de Foucault.

Ŝlosilvortoj: *Filozofio; Scienco; Arkeologio; Vero.*

Abstract:

The objective of this paper is to present the establishment of the archaeological phase of Michel Foucault as an offset from the epistemological analysis. The archaeological method is presented as a new research approach of knowledge about man in modernity. While science looks at the man by rationalistic principle and model of progress, archeology produces a discontinuity in scientific discourse, situating their knowledge in conditions of possibility. Thus, this study seeks to show how Foucault's vision is deeply marked by the historic interpretation of the French epistemology (Gaston Bachelard and Georges Canguilhem) and the Nietzschean critique of science. Finally, we describe some works of the archaeological history of the 1960s to highlight the historical reading of scientific discourse produced by Foucault.

Keywords: *Philosophy, Science, Archaeology, Truth.*

Introdução

A fase arqueológica² de Foucault, considerada como a primeira etapa de seu

2. O pensamento de Foucault é frequentemente caracterizado pela divisão entre as fases arqueológicas



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensamento, abarca o período que vai desde a publicação de sua primeira obra *História da Loucura na Idade Clássica* (1961) até a obra *Arqueologia do Saber* (1969). Neste período de produção teórica, Foucault opera um deslocamento em relação à maneira como as ciências “oficiais” de seu tempo são compreendidas e legitimadas pela filosofia e, por consequência, como aquelas se relacionam e compreendem o mundo. Deste modo, o objetivo deste trabalho é mostrar a trajetória desse deslocamento produzido pela arqueologia em relação à epistemologia.

Foucault ao elaborar uma arqueologia como método e instrumento de compreensão dos saberes modernos se afasta não somente das concepções filosóficas de interpretação do homem, mas, também, busca criticar e romper com a metodologia epistemológica de análise das ciências. Para o filósofo francês, este afastamento da arqueologia em relação à epistemologia aconteceu porque enquanto esta se situa na região da cientificidade da natureza e da vida, estudando as diversas ciências a partir do princípio racionalista, a primeira investiga o homem como uma nova região e como fundamento das ciências modernas.

Este trabalho³ também quer mostrar que esse afastamento produzido pela abordagem arqueológica é profundamente marcado pela visão histórica que a epistemologia francesa tem das ciências e pela crítica nietzschiana das ciências. Por isso, em um primeiro momento, apresentam-se estas influências, para em um segundo momento, descrever a crítica foucaultiana à epistemologia.

A Influência da Epistemologia Francesa

Quando se trata de mostrar como a arqueologia compreende as ciências da

(década de 60, que tem como objeto de análise a produção dos saberes), genealógica (década de 70, que investiga o poder disciplinar e o biopoder) e ética ou estética da existência (década de 80, que resgata alguns conceitos gregos em busca de uma solução ético-política para o processo de sujeição).

³ O presente texto é uma releitura de um dos capítulos da dissertação de mestrado: O Discurso como um elemento de articulação entre a Arqueologia e a Genealogia de Michel Foucault (UNIOESTE/2008).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modernidade, não há dúvida de que devemos relacioná-la a visão histórica que a epistemologia francesa tem das ciências em geral. O pensamento de Foucault é influenciado por uma tradição epistemológica menos rígida, a qual procura criticar o dogmatismo da racionalidade científica. É neste campo de reflexão fértil de crítica às ciências que Foucault propõe um novo modo de abordagem das ciências.

A influência da epistemologia francesa em Foucault é decisiva para sua compreensão histórica das ciências. Deste modo, dentre os pensadores da epistemologia francesa destacam-se dois que tiveram influência marcante no pensamento de Foucault, são eles: Gaston Bachelard (1884-1962) e Georges Canguilhem (1904-1995). Estes defendem a tese de que as ciências têm uma dimensão histórica. Seduzido por estes autores, Foucault desenvolveu um pensamento marcado pelos conceitos do descontínuo, ruptura, transformações, mudanças, enfim, pela condição de possibilidade da ciência.

Foucault manifesta textualmente a importância de autores como Gaston Bachelard e Georges Canguilhem na luta pela superação de um pensamento seduzido pela continuidade e de uma ciência que busca existir e realizar-se desde seu começo. “G. Bachelard delimitou limiares epistemológicos que rompem o acúmulo indefinido dos conhecimentos; [...] G. Canguilhem analisou as mutações, os deslocamentos, as transformações no campo de validade e regras de uso dos conceitos” (FOUCAULT, 1971, p 13). Foucault, no texto “Sobre a Arqueologia das Ciências”⁴, expõe que esses autores já apontavam sobre a necessidade de se desfazer de um pensamento que busca uma unidade para uma época, para dar prioridade aos “fenômenos de ruptura”.

4. O texto *Sobre a Arqueologia das Ciências* de Michel Foucault, constitui-se numa resposta a alguns questionamentos feitos pelo círculo epistemológico da Escola Normal Superior de Paris. O texto não tem data precisa, mas foi publicado em 1968 pela revista francesa *Cahiers pour l'Analyse*, nº 9 (Éditions du Seuil). Portanto, um texto que se situa entre as obras *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969) e revela a mudança de atitude do autor entre essas duas obras. O texto foi extraído da obra *Estruturalismo e Teoria da Linguagem* (1971) e constitui a primeira tradução que se fez no Brasil da revista francesa.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Gaston Bachelard no texto “A atualidade da história das ciências” (1951)⁵, defende que sua posição filosófica é a de uma visão de “caráter efêmero da modernidade da ciência” (BACHELARD, 1972a, p. 24), ou seja, a história da ciência refletindo sobre si deve ser frequentemente refeita, recomeçada. “Entre as dificuldades de outrora e as dificuldades do presente, há uma total descontinuidade” (BACHELARD, 1972b, p. 36).

Para Bachelard a ciência não é um conjunto de verdades crescentes, mas produto criativo do diálogo entre razão e experiência: onde os fatos científicos não são apenas uma descoberta de uma mente racional e por fruto de influências, mas como uma criação sua, no sentido de que sua origem se dá por contradição. “Desde que se aborda a região dos problemas, vive-se verdadeiramente num tempo marcado por momentos privilegiados, por descontinuidades manifestas. [...] O tecido da história da ciência contemporânea é o tecido temporal da discussão” (BACHELARD, 1972b, p. 32-33). Para o autor não se pode considerar a ciência independente de seu devir; como está sempre contradizendo seu passado não se devem ver continuidades, mas “rupturas epistemológicas”. Bachelard compreende por “rupturas epistemológicas” todo e qualquer conhecimento científico que se transforma por meio de uma descontinuidade, ou seja, uma ruptura que acontece quando o conjunto de elementos que compõe a ciência (métodos, conceitos, teorias, instrumentos e procedimentos) já não alcançam os resultados esperados, nem dá conta de resolver os problemas propostos.

Por isso, para Bachelard o papel do “[...] historiador de uma ciência deve ser um juiz dos valores de verdade no que diz respeito a esta ciência [...]” (BACHELARD,

5. O texto *A atualidade da história das ciências* de Gaston Bachelard, trata-se de uma conferência feita em 1951 no Palais de la Découverte. O texto foi extraído da revista: *Tempo Brasileiro* N 28 (jan. mar.1972), a qual reúne neste volume autores como: o próprio Bachelard, Canguilhem, Foucault e Jacques-Alain Miller, que discutem a problemática da filosofia das ciências. Também desta revista é utilizado o texto de Bachelard chamado *Conhecimento comum e conhecimento científico*, texto que faz parte da obra *Le Matérialisme Rationnel* de 1953.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1972a, p. 22), ou seja, o historiador das ciências deve julgar a historicidade de uma ciência destacando “nuances”.

Georges Canguilhem, em “O objeto da história das ciências” (1966)⁶, destaca que a principal questão que diz respeito à história das ciências se refere ao questionamento sobre: “De que a história das ciências é a história?” (CANGUILHEM, 1972a, p. 7). Questão que supera a maneira tradicional com que se tem abordado a história das ciências, postura que privilegiava perguntas como: “quem?”, “por que?” e “como?”. Essas questões não revelam a verdadeira dimensão de como deve ser abordado a história das ciências. Enquanto, por um lado, estas perguntas buscam refletir sobre: onde a história das ciências encontra sua exigência de pesquisa (questão “quem?”), ou procurar razões para se fazer a história das ciências (questão “por que?”), ou ainda, de que maneira se deve abordar a ciência – internamente ou externamente (questão “como?”); por outro lado, a pergunta “de que?” quer investigar o próprio estatuto da história das ciências, ou seja, como o próprio título do texto de Canguilhem sugere: “de que objeto é a história das ciências?”.

Para Canguilhem a história das ciências não deve ser entendida como ciência, pois seu objeto não é um objeto científico. “[...] a história das ciências é a história de um objeto, que é uma história, que tem uma história, enquanto que a ciência é ciência de um objeto que não é história, que não tem história” (CANGUILHEM, 1972a, p. 14). Isso significa que o objeto da história das ciências e o objeto científico são diferentes: enquanto o objeto da história das ciências não é dado, nem acabado; o objeto da ciência é constituído pelo discurso metódico no momento de sua efetivação. Mas, enfim, qual seria o objeto da história das ciências?

Segundo Canguilhem (1972a, p. 17) há vários níveis de objetos que a história

6. O texto *O objeto da história das ciências* de Georges Canguilhem, refere-se a uma conferência realizada em 28 de outubro de 1966, em Montreal. Publicado em francês em *Etudes d'histoire et de philosophie des sciences*, 1968. Este texto foi extraído da revista: *Tempo Brasileiro*. N 28 (jan. mar.1972).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das ciências constitui, mas conceitos a analisar e a criticar constitui a tarefa por excelência da história das ciências. Isto porque, sem eles não há ciência.

Segundo Roberto Machado (1981, p.17-54), para Canguilhem não há como entender a ciência se não a analisarmos enquanto formação de conceitos, pela sua característica de descontinuidade e de recorrência. Para o autor, através da análise da formação do conceito é que se percebe que cada conceito científico tem uma história, ou seja, ele se constitui em momentos determinados e seu significado não pode ser interpretado fora de sua constituição. Sendo que é por meio do conceito que a ciência é interpretada em seu progresso descontinuo, ou seja, em uma descontinuidade que permite assinalar o seu nascimento, permanência e decadência de um conceito. Por fim, fazer uma história recorrente da ciência é constatar que o que move a epistemologia na produção cada vez mais perfeita da verdade, esclarecendo e julgando o passado a partir do presente, nada mais é do que perceber descontinuidades.

Vemos delinear-se, no pensamento de Canguilhem, a associação direta entre a epistemologia e a história das ciências. Como afirma: “Por fim a razão propriamente filosófica deve-se ao fato de que [...] sem relação com a história das ciências uma epistemologia seria um duplo perfeitamente supérfluo da ciência sobre a qual ela pretenderia discorrer” (CANGUILHEM, 1972a, p. 10). Para o autor deve ser tarefa da epistemologia fazer a história das ciências. Somente nessa relação, em que a epistemologia privilegia a dimensão histórica da história das ciências, podemos perceber o estatuto do devir e, sobretudo, a valoração que se dá ao conceito de verdade científica. “A história das ciências concerne uma atividade axiológica, a procura da verdade” (CANGUILHEM, 1972a, p. 18). Enfim, Canguilhem defende (1972a, p. 52) que na ciência não se trata de captura do real, mas apenas indicar a direção e a organização intelectual em que se pode ter uma segurança de se aproximar do real.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A Influência Nietzscheana

A ruptura com a epistemologia não é uma originalidade do pensamento de Foucault, já tem início em Nietzsche, o qual exerce forte influência no pensamento do filósofo francês. Para Roberto Machado o interesse de Foucault em produzir um deslocamento na maneira como é compreendida as ciências se deve, sobretudo, a influência de Nietzsche. “[...] quando se trata de compreender [...] a temática filosófica de Foucault arqueólogo, as questões que norteiam ou motivam suas investigações, é a filosofia de Nietzsche que deve ser privilegiada. Acredito mesmo que os deslocamentos metodológicos produzidos por Foucault em relação à epistemologia para criar sua arqueologia se devem, em grande parte, ao interesse por Nietzsche e sua problemática filosófica, bem diferente da dos epistemólogos a respeito da ciência, da verdade, da razão ou da modernidade” (MACHADO, 2001, p. 10).

Em Nietzsche, a epistemologia é considerada pela primeira vez como problema, através da crítica da ciência, de sua crença na verdade. Através da crítica ao conceito de verdade é que a filosofia de Nietzsche se apresenta como análise da ciência, não no sentido da busca de uma verdade mais científica, mas por esta se convencer que suas verdades são verdades sobre o mundo e, por acreditar que suas verdades são melhores que as outras. A crítica do autor é de que a ciência crê em buscar uma verdade superior e, também, que esta é guiada por uma vontade de verdade, ou seja, de que nada é mais necessária do que o verdadeiro. Para o autor, não há posse da verdade, mas a ciência caminha na convicção de possuí-la. Trata-se, portanto, de uma crítica ao próprio projeto epistemológico.

A crítica que Nietzsche faz a ciência se dá principalmente pela análise moral. Para este a verdade assume uma fundamentação moral quando na oposição entre verdade e mentira a primeira é dada como um valor maior que a mentira e a ilusão.

Os homens, nisso, não procuram tanto evitar serem enganados, quanto serem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

prejudicados pelo engano: o que odeiam, mesmo nesse nível, no fundo não é a ilusão, mas as conseqüências nocivas, hostis, de certas espécies de ilusões. É também, em um sentido restrito semelhante que o homem quer somente a verdade: deseja as conseqüências da verdade que são agradáveis e conservam a vida; diante do conhecimento puro sem conseqüências ele é indiferente, diante das verdades talvez perniciosas e destrutivas ele tem disposição até mesmo hostil (NIETZSCHE, 1996, V.M., p. 46).

No texto: *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche aponta que é preciso compreender a verdade no sentido extra-moral, percebê-la como tendo o mesmo valor da ilusão e do engano. “Não passa de um preconceito moral o julgar-se que a verdade vale mais que a aparência” (NIETZSCHE, 1996, B.M. §34, p.50).

Nietzsche rompe com a epistemologia porque a verdade no conhecimento deve ser remetida à questão moral, o critério de julgamento não deve ser racional, mas a preservação da vida. Há um instinto de crença no conhecimento e na verdade como úteis à vida. A verdade é considerada um bem em si.

Em algum canto perdido do universo que se expande no brilho de incontáveis sistemas solares surgiu, certa vez, um astro em que animais espertos inventaram o conhecimento. Esse foi o minuto mais arrogante e mais mentiroso da história do mundo, mas não passou de um minuto. Após uns poucos suspiros da natureza, o astro congelou e os animais espertos tiveram de morrer. Foi bem a tempo: pois, se eles vangloriavam-se por terem conhecido muito, concluíram por fim, para sua grande decepção, que todos os seus conhecimentos eram falsos; morreram e renegaram, ao morrer, a verdade. Esse foi o modo de ser de tais animais desesperados que tinham inventado o conhecimento (NIETZSCHE, 1996, P. V., p. 29).

Para Nietzsche a busca pela verdade é o que move a ciência. Daí que o foco de sua crítica não é sobre a verdade ou falsidade do conhecimento científico, mas sobre o valor que se atribui a verdade (valor superior).

Essa mudança de interpretação, organizada primeiramente por Nietzsche e, mais tarde, assumida por Foucault, se dá porque, para estes autores não se trata mais de investigar a verdade, entendida como uma instância mais aperfeiçoada, pura e definitiva, mas pelo fato de que agora ela é compreendida como “produto histórico”. E influenciado também pelo pensamento nietzschiano sobre a desconstrução da noção



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tradicional de verdade, que Foucault irá romper com a epistemologia. Na arqueologia a verdade aparece ligada a “[...] regras de aparecimento, organização e transformação ao nível do saber” (MACHADO, 1981, p. 185), ou seja, algo aparece como verdadeiro num discurso porque obedece a regras que possibilitam seu aparecimento em saberes de determinada época.

A Crítica Foucaultiana

Foucault, influenciado por Nietzsche e os teóricos da epistemologia francesa, quer se afastar da epistemologia enquanto categoria eminentemente moderna, onde se privilegia um discurso normativo e o método de investigação dos critérios de verdade e dos princípios de cientificidade, baseados em um discurso racionalista. Na modernidade, o que move a busca de pensar e avaliar o conhecimento científico é o interesse em investigar e legitimar a produção da verdade a partir deste princípio de racionalidade. E é com esses princípios que nortearam a história e a filosofia das ciências, que Foucault rompe⁷ ao elaborar uma arqueologia como método. Assim, afirma:

Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a epistémê onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia” (FOUCAULT, 1999, p. XVIII-XIX).

Deste modo, Foucault questiona a epistemologia não de modo interno, como se

7. Além do deslocamento produzido pela arqueologia, há em Foucault a crítica genealógica a ciência. Para a genealogia a ciência está vinculada a um tipo de poder que é o da produção de verdade. Neste estudo não se abordará este segundo aspecto. Sobre o assunto, conferir: *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 1979) e *Introdução à Filosofia da Ciência* (ARAÚJO, 1998).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fosse avaliar seus critérios de verdade, mas se situa na perspectiva de uma exterioridade, criticando o próprio projeto epistemológico, analisando o mesmo como condicionado em sua constituição por algo que é mais forte que ele, aquilo que é condição de sua possibilidade. Assim, situa a ciência como um saber entre outros, pois segundo Foucault para haver saber basta existir uma prática discursiva seja esta científica, filosófica, literária, religiosa, artística, ou qualquer outra. A arqueologia investiga a ciência como saber, porque toda e qualquer ciência se localiza em um campo de saber, isto é, em certas condições de formação que possibilitam o conhecimento científico ser dado e aceito como verdadeiro. Como afirma: “[...] toda ciência [...] existe no campo de um saber que não prescreve simplesmente a sucessão de seus episódios, mas que determina, segundo um sistema que se pode descrever, suas leis de formação” (FOUCAULT, 1971, p 47).

Segundo Foucault (1971, p 44-45) há dois sistemas heteromorfos que possibilitam investigar as “condições de possibilidade” de uma ciência. Por um lado, podem-se definir as condições da ciência como ciência, ou seja, os critérios de investigação da ciência são definidos pela própria ciência em questão ao estabelecer o seu domínio de objeto, o tipo de linguagem, conceitos utilizados, entre outros. Condições que são interiores ao próprio discurso científico; por outro lado, investiga-se a possibilidade de uma ciência em sua existência histórica, ou seja, uma explicação que é exterior à própria ciência, onde se privilegia não a ciência no desenvolvimento necessário de suas estruturas internas, mas o campo de uma história efetiva. E é essa última tarefa que uma arqueologia das ciências deve evidenciar.

Analisar formações discursivas, positividades e o saber que lhes corresponde, não é designar formas de cientificidade; é percorrer um campo de determinação histórica, que deve abarcar, em sua aparição, sua permanência, sua transformação e, se for o caso, em seu desaparecimento, de discursos, dos quais alguns são ainda hoje reconhecidos como científicos, de que outros perderam o estatuto, de que outros, finalmente, jamais pretenderam adquiri-lo (FOUCAULT, 1971, p 45).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para o filósofo francês ao se resgatar a dimensão do saber na investigação das condições de uma ciência não se quer recusar as diversas análises de uma ciência, mas, sim, enfatizar o espaço em que elas podem se alojar: o saber. “A análise dessas condições de aparição, é no campo do saber que é preciso conduzi-la – ao nível dos conjuntos discursivos e do jogo das positividades” (FOUCAULT, 1971, p 44).

A ideia essencial de Foucault é de que a ciência não tem em si a condição de definir o que a torna possível. Daí, a necessidade, segundo Foucault (1971, p 43) de buscar a explicação na morfologia do saber, na formação discursiva, ou seja, nos discursos que acolhem ou reivindicam os modelos de cientificidade. Questão também defendida por Deleuze na obra *Foucault*, (1988): “[...] uma ciência se localiza num domínio do saber que ela não absorve, numa formação que é, por si própria, objeto de saber e não de ciência” (DELEUZE, 2005, p. 30).

Segundo Foucault (1971, p 47) a ciência supõe um espaço de historicidade que é condição de sua existência, mas que não coincide com o jogo de suas formas. Deste modo, o que pretende o autor, não é estabelecer princípios que resgatem a origem de uma ciência, mas critérios que permita em evidenciar as transformações em uma ciência. Atitude também defendida por Canguilhem (1972b, p 49): “uma arqueologia da ciência é um empreendimento que tem um sentido, uma pré-história da ciência é um absurdo”.

Essa necessidade de sair do campo do discurso científico e instaurar uma nova leitura da ciência também é defendida por Foucault no texto *Resposta a uma questão*⁸: “a história das ‘ideias’ ou das ‘ciências’ não deve ser o resumo das inovações, mas a análise descritiva das diferentes transformações efetuadas” (FOUCAULT, 1972, p 64). Isso significa que o que deve ser prioridade em uma investigação arqueológica das

8. O texto *Resposta a uma questão*, constitui-se em uma resposta às questões propostas pela equipe da revista *Esprit*. O texto traduzido para o português não especifica a data de sua origem, mas menciona ser anterior à obra *A Arqueologia do Saber*. O texto foi publicado no Brasil pela revista *Tempo Brasileiro* N 28 (jan. mar.1972).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ciências são as transformações que caracterizam sua prática discursiva.

Nesse mesmo horizonte, Roberto Machado em *A Ciência e o Saber* (1981), ao estudar a trajetória da arqueologia em Foucault, afirma:

[...] enquanto a história epistemológica, situada basicamente ao nível dos conceitos científicos, investiga a produção da verdade na ciência, que ela considera como processo histórico que define e desenvolve a própria racionalidade, a história arqueológica, que estabelece inter-relações conceituais ao nível do saber, nem privilegia a questão normativa da verdade nem estabelece uma ordem temporal de recorrências a partir da racionalidade científica atual (MACHADO, 1981, p.11).

Desta maneira, a arqueologia se situa ao nível do saber e não da ciência, e assim não recorre à questão normativa da verdade e de uma recorrência temporal a partir da racionalidade, mas, diferentemente, pretende “[...] ser um instrumento capaz de refletir sobre as ciências do homem enquanto saberes – investigando suas condições de existência através da análise do que dizem, como dizem e por que dizem [...]” (MACHADO, 1981, p.11)”.

Outra característica que distingue a arqueologia da epistemologia é o modo como cada uma estuda seu objeto. Enquanto para a epistemologia o objeto das ciências se constitui ao mesmo tempo em que o sujeito conhece, para a arqueologia trata-se de mostrar que um objeto surge não por princípios da racionalidade científica, mas se constitui historicamente e não dependente exclusivamente da ciência e, sim, também por razões externas. Já em suas duas primeiras obras, e como exemplo paradigmático, Foucault aponta que o modelo epistemológico é impróprio para compreender o surgimento de saberes sobre a loucura e a medicina moderna, temas desenvolvidos respectivamente, nas obras *História da Loucura na Idade Clássica – 1961* e *Nascimento da Clínica – 1963*⁹.

9. A maneira como abordarei essas duas obras neste momento, visa apenas evidenciar o deslocamento que a arqueologia faz em relação à epistemologia. No próximo capítulo retomarei a análise de ambas as obras para elucidar seus temas e objetivos específicos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em a *História da Loucura na Idade Clássica*, Foucault, ao estudar o nascimento da psiquiatria aponta que esta por se guiar pelo ideal de cientificidade gerar um saber que não é o de compreensão da loucura, mas sobre ela, com o objetivo de dominá-la pela racionalidade. Defende que o domínio da prática psiquiátrica se faz antes por um controle moral, do que por uma objetividade do saber da loucura. A leitura que o autor propõe é que a psiquiatria do séc. XIX esconde por traz do ideal de objetividade do saber científico (ideal positivista) uma tática moral, onde o louco é excluído institucionalmente. Deste modo, constata:

Se se quisesse analisar as estruturas profundas da objetividade no conhecimento e na prática psiquiátrica do século XIX, de Pinel a Freud, seria necessário mostrar justamente que essa objetividade é desde a origem uma coisificação de ordem mágica, que só conseguiu realizar-se com a cumplicidade do próprio doente e a partir de uma prática moral transparente e clara no início, mas aos poucos esquecida à medida que o positivismo impunha seus mitos de objetividade científica; prática esquecida em sua origens e em seu sentido, mas sempre utilizada e sempre presente. O que se chama de prática psiquiátrica é uma certa tática moral, contemporânea do fim do século XVIII, conservada nos ritos da vida asilar e recoberta pelos mitos do positivismo (FOUCAULT, 2005b, p. 501).

A análise arqueológica da história da loucura evidencia que é preciso compreender como nesta época a loucura era percebida e, no interior desta problemática isto quer dizer, como em uma relação teórica e prática se estabelecia uma exclusão institucional do louco. Para o arqueólogo o que interessa “[...] é saber como, nessa época, a loucura era percebida, anteriormente a toda tomada de consciência, toda formulação de saber” (FOUCAULT, 2005b, p.385). Assim, Foucault aponta que a análise tem que se situar ao nível do que chama de “percepção” (2005, p.103). O sentido que Foucault atribui à “percepção” não tem nada a ver com conhecimento, muito menos se relaciona com o empirismo clássico, mas se refere às condições que em cada época determinam à maneira de perceber algo. Assim, antes de qualquer tomada de conhecimento, de toda formulação de saber, é preciso olhar como uma prática



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

institucional (prisões, hospícios, hospitais, religião, etc.) estabelece *uma verdade* sobre a loucura, entender, por exemplo, como na época clássica a razão situa a loucura como des-razão. Trata-se, portanto, de verificar que experiência da loucura uma prática discursiva quer legitimar.

Nesse mesmo sentido, R. Machado (1981, p.95) ao analisar o tema da loucura em Foucault, destaca que a produção teórica não é capaz de enunciar uma verdade sobre a loucura, mas que tal empreendimento caminha na contra mão do conhecimento, pois caracteriza a loucura como desrazão. O que o leva a declarar:

De todo modo, o que demonstra Foucault é que o saber sobre a loucura não é o itinerário da razão para a verdade, como é a ciência para a epistemologia, mas a progressiva descaracterização e dominação da loucura para sua cada vez maior integração à ordem da razão. Eis o que é a história da loucura: a história da fabricação de uma grande mentira (MACHADO, 1981, p. 95).

Essa percepção “arqueológica” leva Foucault a declarar (2005, p.208) que seu trabalho não aponta no sentido da procura pela evolução de conceitos teóricos, mas se situando ao nível da experiência, quer resgatar o movimento que tornou possível um saber sobre a loucura. Este movimento não se dá como aperfeiçoamento da verdade da loucura, mas como ruptura, descontinuidade, dissociação, fragmentação. De modo que afirma:

[...] o que queremos saber não é o valor que para nós assumiu a loucura, é o movimento pelo qual ela tomou assento na percepção do século XVIII: a série das rupturas, das descontinuidades, das fragmentações pelas quais ela se tornou aquilo que é para nós no esquecimento opaco daquilo que ela foi (FOUCAULT, 2005b, p.393).

É com esse objetivo que Foucault constata na obra de 1.961 três modos diferentes de perceber a loucura e de produzir uma verdade sobre ela. Momentos que revelam experiências perceptivas diferentes da loucura e que só são possíveis de investigação para um saber arqueológico. Segundo Machado (1981, p.94-95) é possível resumir esses três momentos segundo a seguinte ordenação: no renascimento, a crítica



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

moral a situou como ilusão; na época clássica, o racionalismo a desqualificou como erro e na modernidade as ciências humanas a patologizaram. E é sobre tudo, nesse último período, com a psiquiatria que a razão sufoca, aprisiona e destrói a loucura. Portanto, essa produção teórica sobre a loucura, durante o processo histórico, se desenvolve subordinando a loucura à razão e à verdade.

Deste modo, o ponto de convergência das críticas que Foucault faz à epistemologia é de que com o surgimento da psiquiatria, isto é, com o reconhecimento da loucura como doença mental, não se produziu uma verdade mais científica da loucura. Nesta perspectiva, o fato de os loucos serem isolados não implicaria um progresso médico, pelo contrario, as razões da mudança devem ser buscadas na experiência do internamento. Assim, constata:

Não é o pensamento médico que forçou as portas do internamento; se os médicos hoje reinam no asilo, não é por um direito de conquista, graças à força viva de sua filantropia ou de sua preocupação com a objetividade científica. É porque o próprio internamento aos poucos assumiu um valor terapêutico, e isso através do reajustamento de todos os gestos sociais ou políticos, de todos os ritos, imaginários ou morais, que desde mais de um século haviam conjurado a loucura e o desatino (FOUCAULT, 2005b, p.434).

Para Foucault a função do médico na época moderna se exerce como um guardião, responsável por proteger os outros do perigo e da ameaça da loucura. “Se se apelou para o médico, se lhe foi pedido que observasse, era porque se tinha medo” (FOUCAULT, 2005b, p.356).

Já em o “Nascimento da Clínica” (1963) Foucault declara (2001, p. XVIII) que sua pesquisa sendo histórica e crítica pretende determinar as condições de possibilidade da experiência médica. O autor francês quer mostrar que a mudança da medicina clássica para a medicina moderna é antes regida por um olhar que domina do que por uma evolução do conhecimento médico. “Olho que sabe e que decide, olho que rege” (FOUCAULT, 2001, p.100).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo Roberto Machado (1981, p.115), Foucault procurou refutar a tese de que a medicina se tornou científica ao se transformar em conhecimento empírico. Para o filósofo francês, ao se analisar a medicina percebe-se que a passagem da medicina clássica para a medicina moderna, não se dá no sentido de um desenvolvimento de uma ciência mais aperfeiçoada (uma mudança epistemológica no sentido estrito), mas por uma transformação arqueológica, onde a mudança se dá no olhar, na percepção do médico. Deste modo, explicitando a necessidade da mudança investigativa, declara:

Mas é necessário inverter a análise: são as formas de visibilidade que mudaram; o novo espírito médico, de que Bichat é, sem dúvida, a primeira testemunha absolutamente coerente, não deve ser inscrito na ordem das purificações psicológicas e epistemológicas: ele nada mais é do que uma reorganização epistemológica da doença [...] (FOUCAULT, 2001, p.225).

É esse estatuto da mudança nas formas de visibilidade que permitem a Foucault perceber uma ruptura na cultura ocidental, o que ainda não estava tão claro na obra anterior e se tornará evidente em “As Palavras e as Coisas” (1966). “De tal modo que o grande corte na história da medicina ocidental data precisamente do momento em que a experiência clínica tornou-se olhar anátomo-clínico” (FOUCAULT, 2001, p.167/68). A mudança é considerada como corte, porque enquanto a medicina clássica se detém em analisar o ser da doença (signo e sintomas) a medicina moderna procurará situar a doença em um local (o corpo doente).

Nesse mesmo sentido, R. Machado afirma:

A ruptura que inaugura a medicina moderna é o deslocamento de um espaço ideal para um espaço real, corporal, e a conseqüente transformação da linguagem a que a percepção desse espaço está intrinsecamente ligada; em outros termos, é a oposição entre um olhar de superfície que se limita deliberadamente à visibilidade dos sintomas e um olhar de profundidade que transforma o invisível em visível pela investigação do organismo doente. Em suma, a característica básica da ruptura é a mudança das próprias formas de visibilidade (MACHADO, 1981, p.115).

Enquanto para a clínica clássica havia uma dicotomia entre o ser da doença e o



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

homem, onde a doença era estudada como uma entidade autônoma e que estava em luta com o corpo humano; por sua vez, a clínica moderna compreende a doença como um processo, onde não há mais conflito, mas o próprio corpo torna-se doente, a sede da doença. Deste modo, o que Foucault pretende ao “determinar as condições de possibilidade da experiência médica” é mostrar que a mudança que ocorre com a medicina é um deslocamento histórico. Segundo Foucault (2001, p.XVIII) se antes a pergunta era sobre “o que é que você tem?”, agora o que se quer saber é “onde lhe dói?”. O pensador francês compreende que as mudanças são antes motivadas por uma reformulação ao nível do saber do que por um avanço científico. De modo que afirma:

O que se modifica, fazendo surgir à medicina anátomo-clínica, não é, portanto, a simples superfície de contato entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido; é a disposição mais geral do saber, que determina as posições recíprocas e o jogo mútuo daquele que deve conhecer e daquilo que é cognoscível. O acesso do olhar médico ao interior do corpo doente não é continuação de um movimento de aproximação que teria se desenvolvido, mais ou menos regularmente, a partir do dia em que o olhar, que começava a ser científico, do primeiro médico se dirigiu, de longe, ao corpo do primeiro paciente; é o resultado de uma reformulação ao nível do próprio saber e não ao nível dos conhecimentos acumulados, afinados, aprofundados, ajustados (FOUCAULT, 2001, p.156-57).

Assim, conclui Foucault (2001, p.229) que a formação da medicina clínica testemunha que a mudança ocorre nas disposições do saber. Isto significa que ocorre uma reformulação ao nível do saber, porque este se fundamenta em uma estrutura que é a do visível e do enunciável e, quando esses elementos da visibilidade se transformam também se modifica todo o espaço do saber de uma determinada época.

Segundo Foucault (1971, p. 41) não se deve reconhecer a unidade do discurso clínico em um conjunto de conhecimentos tentando dar-se um estatuto científico, mas ao se privilegiar a dimensão do saber procura-se resgatar as implicações do não-discursivo. Busca-se, dessa maneira, a unidade do discurso em uma relação entre o “[...] teórico e prático, descritivo e institucional, analítico e regulamentar, composto tanto de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

inferências quanto de decisões, de afirmações como de decretos” (FOUCAULT, 1971, p. 41-42).

A relação da clínica com o não-discursivo também faz parte da análise de Foucault no texto de resposta à revista *Esprit*¹⁰. Neste momento, Foucault defende (1972, p. 73-75) que a explicação para a modificação do discurso clínico não se deve ao fato de que a consciência dos homens se modificou, provocando uma alteração na percepção da doença, nem que as noções fundamentais da medicina clínica derivariam de uma prática política, mas que o problema essencial é de saber qual deveria ser o modo de existência e funcionamento do discurso médico para que nele se produzam modificações. E que essas condições do discurso médico não se exprimem nos conceitos ou métodos da medicina, mas que elas modificam suas regras de formação. Enfim, são condições discursivas.

Considerações Finais

Este trabalho procurou mostrar que para Foucault o problema da ciência está em que ela desqualifica todo discurso que não se pautar pelos parâmetros da cientificidade, ou seja, que não for moldado pelas regras da objetividade, neutralidade e testabilidade, enfim do rigor científico. E que seu método arqueológico busca situar qualquer saber em uma formação discursiva, com suas regras e condições de acontecimento. E conforme declara Nietzsche em sua filosofia, é necessário criticar a ciência como produção de uma verdade, porque o que a move é uma vontade de verdade que é ignorada pela própria ciência.

Portanto, para Foucault o modelo epistemológico é impróprio para compreender o surgimento de saberes sobre o homem nas ciências da modernidade, porque o seu aparecimento não se dá por um progresso em busca de seu

10. A própria questão colocada pela equipe da revista à teoria arqueológica de Foucault diz respeito à relação entre a sujeição do sistema e a descontinuidade histórica com uma intervenção política.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aperfeiçoamento, mas, ao contrário, seu conhecimento surge como descontinuidade em relação às ciências da Idade Clássica. Daí, a necessidade de uma arqueologia como método de investigação dessa mudança.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. L. **Introdução à filosofia da ciência**. Curitiba-Pr: Ed. da UFPR, 1998.

BACHELARD, G. A atualidade da história das ciências *In Tempo Brasileiro*, n 28, p. 22-25, 1972a.

_____. Conhecimento comum e conhecimento científico *In Tempo Brasileiro*. n 28, p. 27-46., 1972b .

CANGUILHEM, G. O objeto da história das ciências *In Tempo Brasileiro*, n 28, p. 7-21, 1972a.

_____. Sobre uma epistemologia concordatária *In Tempo Brasileiro*, n 28, p. 47-56, 1972b.

DELEUZE, G. **Foucault** Tradução Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. 8 ed. Tradução José T. Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005b.

_____. **O Nascimento da Clínica**. 5 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. Resposta a uma questão. *In Tempo Brasileiro*, n 28, p. 57-81, 1972.

_____. Sobre a Arqueologia das Ciências *In Estruturalismo e Teoria da Linguagem* Tradução Luiz Felipe B. Neves. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 9-55, 1971.

MACHADO, R. **Ciência e Saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio Janeiro: Graal, 1981.

NIETZSCHE, F. **Cinco Prefácios para cinco livros não escritos**. [Trad. Pedro Sussekind]. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

PORTELLA, E. (Dir.) **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n 28, 1972.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica Tradução Vera P. Carreto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.